

EMPREGABILIDADE E O MERCADO DE TRABALHO NO CAMPO DA CULTURA NO RECIFE-PE: UM ESTUDO DESCRITIVO

Thiago Ricardo Brito de Azevedo¹

Diogo Henrique Helal²

Resumo: Este artigo teve por objetivo contribuir para o conhecimento do mercado de trabalho no setor cultural. Foram consultados e utilizados referencial teóricos sobre os temas de economia da cultura, empregabilidade. Foram buscados dados referentes a financiamento da cultura e mercado de trabalho no setor, em Recife. E por fim, foram entrevistados gestores culturais, um Coordenador do Santander Cultural Recife e Porto Alegre, uma Produtora Cultural de Dança e uma Técnica em Gestão de Equipamentos Culturais e Patrimônio, com o propósito de identificar e analisar suas expectativas e considerações em relação ao mercado de trabalho no campo da cultura em Recife, e em especial, em relação à sua empregabilidade. Os resultados indicam que o setor cultural é dinâmico tanto quanto as suas manifestações bem como suas relações de financiamento e emprego, é constatado que boa parte dos profissionais inicia no setor cultural como uma atividade de gosto e por consumo, só então posteriormente ingressam no mercado de trabalho no setor.

Palavras-chave: Empregabilidade, Economia da Cultura, Recife

1 Introdução

As últimas décadas no país têm sido marcadas por importantes alterações na estrutura ocupacional e no mercado de trabalho. Nas décadas de 1970 e 1980 observou-se o esgotamento do modelo fordista de produção e organização do trabalho, impulsionando o surgimento de novas bases institucionais para o desenvolvimento do capitalismo (baseado em modelos flexíveis de produção, com destaque ao capital financeiro). Mais recentemente, nos anos 1990, o país passou a vivenciar a terceirização de algumas atividades de sua economia. Esse processo está baseado na concentração de

¹Estudante do Curso de Administração de Empresas – FCAP – UPE; E-mail: thiagori.adm@gmail.com.

²Administrador e Mestre em Administração – UFPE, Doutor em Ciências Humanas: Sociologia e Política - UFMG, Professor Adjunto – Programa de Pós Graduação em Administração - UFPB; E-mail: diogohh@yahoo.com.br



esforços, por parte das organizações em atividades do chamado “core business”, delegando a terceiros aquelas outras não ligadas ao objetivo principal do negócio. A terceirização e a flexibilização da economia vêm causando fortes impactos no mercado de trabalho em todo o Brasil, que, vive um momento de desestruturação. Percebe-se que a modernização tecnológica tem combinado inovações na organização do trabalho com novas formas de gestão da mão de obra. Tais transformações têm gerado impactos consideráveis em vários setores. O de interesse deste artigo é o das atividades culturais.

Há alguns anos, Furtado (1988, p.6), enquanto Ministro da Cultura, já apontava para a necessidade de contemplar a dimensão econômica da produção dos bens culturais: “As atividades culturais incluem-se entre aquelas cuja demanda apresenta uma elevada elasticidade-renda, sendo ao mesmo tempo fortes criadoras de emprego e fracas consumidoras de divisas. Contudo, carecemos de informações sobre essa matéria, até hoje considerada de pouca relevância econômica”.

A cultura tem sido tema de inúmeros estudos nos campos da antropologia, sociologia, comunicação, etc. Entretanto há uma carência de análises do setor cultural em sua dimensão econômica (SANTANA e SOUZA, 2001). A carência de informações e dados estatísticos dificulta a compreensão da dinâmica e comportamento deste setor. Os dados são informações relevantes na construção de um plano que busque unificar talento e mercado, economia e cultura para gerar uma produção cultural sustentável na autoestima e no valor econômico dos produtos resultantes do campo cultural, diminuindo o espírito de assistencialismo público e agindo na construção eficaz da economia da cultura. Para Reis (2006, p.6), economia da cultura refere-se ao uso da lógica econômica e sua metodologia no campo da cultura.

Em particular, este artigo buscou conhecer o entendimento que alguns gestores têm sobre empregabilidade e mercado de trabalho no setor cultural de Recife. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com gestores, artistas e outros envolvidos no setor, objetivando identificar e analisar suas expectativas e considerações em relação ao mercado de trabalho no campo da cultura. Analisaram-se ainda as formas de financiamento público a projetos culturais no Estado.

2 Empregabilidade e Mercado de Trabalho

Esta palavra, empregabilidade, tem ocupado posição de destaque na Academia, no mundo empresarial e na discussão sobre políticas públicas, no Brasil e em outros países. Convém destacar, entretanto, que seu surgimento é relativamente recente. É

reflexo do agravamento da crise pela qual passa o mercado de trabalho em todo mundo, em função da diminuição do número de empregos formais e do aumento dos níveis de desemprego e trabalhos informais (CARLEIAL e VALLE, 1997).

Foi o novo contexto do mercado de trabalho, permeado pelo desemprego e pela dificuldade em se (re)inserir neste mercado que trouxe o debate acerca da empregabilidade para a ordem do dia, no Brasil e em diversos outros países. Considera-se que o que se presencia no momento é uma crise estrutural do capital, que teve início nos anos 1970 e que perdura até os dias atuais. O capital, em resposta às suas crises, tem deflagrado um processo de reestruturação produtiva, trazendo profundas mudanças no mundo do trabalho.

Nas definições mais comuns de empregabilidade, o termo é visto como a capacidade de adaptação da mão-de-obra frente às novas exigências do mundo do trabalho e das organizações. Entretanto, não há um consenso em relação à conceituação do tema.

Acredita-se também que o acesso ao emprego não pode ser determinado de forma simplista e restrita. A realidade mostra que várias são as explicações e os determinantes da empregabilidade e de suas variantes. Segundo Paiva (2000, p.57), empregabilidade é uma “construção social mais complexa, na medida em que se descola das instituições formais e da experiência adquirida para considerar aspectos pessoais e disposições subjetivas e para dar maior peso não apenas a aspectos técnicos, mas à socialização”.

Esta visão de empregabilidade é bastante apropriada à realidade brasileira, marcada, segundo Freitas (1997), por um forte traço de personalismo. Para o autor, a sociedade brasileira é baseada em relações pessoais. Nesse sentido, não se pode imaginar que o acesso ao emprego no Brasil ocorra de modo impessoal e meritocrático, valorizando principalmente as variáveis ligadas ao esforço próprio individual, nomeadamente investimentos em capital humano (educação). Civelli (1998) destaca que o acesso ao mercado de trabalho deve ser estudado sob uma perspectiva diferenciada, na qual variáveis simbólicas, culturais, sociais e de valor estão se tornando fundamentais.

3 O campo da cultura no Brasil e Pernambuco

A cultura pode ser definida como resultante da formação dos pequenos mundos de cada indivíduo dentro e fora da sociedade, porém desde a mais ampla, complexa ou específica das definições de cultura ainda sim são limitadas para o que venha a ser

cultura, ainda mais no país como o Brasil, diverso em sua composição geográfica e cultural. Na definição dada por Gilberto Freyre (1969): cultura é o conjunto de valores, hábitos, influências sociais e costumes reunidos ao longo do tempo, de um processo histórico da sociedade. Sem descartar que no mundo contemporâneo os costumes e processos são alterados, modificados e/ou incorporados com maior velocidade e menos barreira geográfica. Ressaltando a cultura como elemento de caracterização da sociedade, ou seja, como se vive, produz, pensa e consome um povo. A cultura enquanto produto resultante da ação humana apresenta-se em duas esferas: o tangível e intangível. Na cultura intangível seus elementos existem na mente das pessoas, tais como os padrões artísticos e mitos, de forma simbólica. Já a cultura material está explícita através de produtos culturais concretos, como obras de artes, esculturas, escritas, etc. Em diversas manifestações as esferas agem de maneiras inter-relacionadas estimulando com efervescência a riqueza cultural do país e sua potencialidade de desenvolvimento. O que faz do campo da cultura ser bastante complexo na compreensão das atividades culturais como sistema de valores.

A cultura tem sido tema de inúmeros estudos nos campos da antropologia, sociologia, comunicação, etc. Entretanto há uma carência de análises do setor cultural em sua dimensão econômica (SANTANA, 2001). A carência de informações e dados estatísticos dificulta a compreensão da dinâmica e comportamento deste setor. Os dados são informações relevantes na construção de um plano que busque unificar talento e mercado, economia e cultura para gerar uma produção cultural sustentável na auto-estima e no valor econômico dos produtos resultantes do campo cultural, diminuindo o espírito de assistencialismo público e agindo na construção eficaz da economia da cultura. A economia da cultura refere-se ao uso da lógica econômica e sua metodologia no campo da cultura (REIS, 2006).

A relação entre cultura e mercado cresce nas discussões acadêmicas, no setor cultural e na pauta dos governos. Por consequência, observa-se o aumento dos investimentos públicos no setor e o investimento de instituições privadas por meio de leis de renúncia fiscal. Ainda como resultado desta relação, nota-se o crescimento da geração de empregos, o aumento do poder aquisitivo e o gasto pessoal com cultura. Pernambuco apresenta-se continuamente com forte produção e manifestações culturais, uma referência no cenário do tecido cultural do país. Essa característica perpassa desde as manifestações mais artífices (como o repente, o artesanato e o mamulengo) à realização de grandes eventos culturais (vide Recbeat). A pluralidade das matrizes

culturais presente no Estado circunda por toda extensão geográfica, desde o Mangue Beat, centrado na capital, à Cavalgada no Sertão Central, em São José do Belmonte. O tecido cultural transborda de diversidade em todas as suas linguagens e formas de expressões, caracterizado nas manifestações de Audiovisual, Música, Dança, Circo, Ópera, Teatro, Fotografia, Literatura, Artes Plásticas, Cultura Popular, Artesanato, Patrimônio, Moda, Gastronomia, Arquitetura e Games.

Porém, ainda é na capital, Recife, que escoar grande parte desta produção e consumo. O exemplo claro disso é observado durante um corte na análise dos equipamentos culturais gerenciado pela FUNDARPE³, 57% (dos 21 equipamentos do Estado 12 estão no Recife) dos equipamentos encontra-se na RMR (Região Metropolitana do Recife).

Na construção do mapa para política pública de cultura o Estado tem seu território constituído de 12 Regiões de Desenvolvimento (RDs)⁴, no intuito de interiorizar e potencializar as ações públicas culturais em todo o Estado.

No quadro cultural do Estado em relação a seu calendário macro de ações públicas culturais, preenche-se de 12 grandes momentos espalhados durante os meses do ano pelas 12 RDs. Iniciando em janeiro com o Janeiro/Fevereiro, com o carnaval, à comemoração do aniversário de Luiz Gonzaga em dezembro no Sertão do Araripe com eventos musicais e feira de artesanato de couro. A diversidade e riqueza cultural do Estado de Pernambuco são condições necessárias na fomentação deste novo setor econômico. Ou seja, a economia da cultura converge com que o Estado possui em diversidade cultural e o aprimoramento de suas ferramentas trará benefícios de desenvolvimento socioeconômico à região. O aumento do poder aquisitivo na região eleva a demanda por serviços e bens inclusive culturais, trazendo uma perspectiva de crescimento ao setor cultural.

4 Estratégia de Financiamento: do Estado ao Mercado

A cultura como bem definida por Gilberto Freyre é em uma síntese a manifestação do homem sobre o meio e a natureza, de forma que o representa. Devido à abrangência do conceito e à carência de dados secundários, para efeito desta se faz um corte no tecido cultural de Pernambuco. Este corte tem como base as atividades

³ FUNDARPE - Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura é o mecanismo que o Governo do Estado é órgão executor da Política Cultural do Estado e vinculada à Secretaria de Educação. <http://www.fundarpe.pe.gov.br/fundarpe.php>

⁴ Fonte <http://www.nacaocultural.pe.gov.br/plano-de-gestao-pernambuco-nacao-cultural-gov-2007-2010>

culturais que atuam no ciclo econômico e estão presentes nos editais de financiamento cultural do estado. Resumindo em 12 linguagens culturais observadas: Artes cênicas (dança, circo, ópera e teatro), Fotografia, Literatura, Música, Artes plásticas e artes gráficas, Cultura popular, Patrimônio, Gastronomia, Pesquisa cultural, Artes integradas, Formação e capacitação, Cinema.

As práticas culturais e os bens e serviços em que dela resultam são também influenciados por lógicas de interesse, inclusive, sobretudo econômico, além de ser uma manifestação humana. A cultura quando analisada sobre a perspectiva econômica observa-se sua capacidade de geração de emprego e renda, externalidades positivas, ou seja, subprodutos de um processo de produção que não podem ser apropriados por aqueles que o produzem (VALIATI, 2007).

Produtos de outros setores da economia sofrem influência das externalidades culturais, pois a cultura tem a capacidade de agregar valor simbólico ao produto e atribuir à etiqueta de empresa comprometida com o social. Esta externalidade é um fato de convergência entre o público e privado no fomento a economia da cultura. Mas para usufruir desta externalidade cultural os agentes e criadores culturais precisam encarar como mercado, como produto, seu fazer cultural.

Porém, antes é necessário desmistificar para os profissionais de cultura que ao aplicar uma lógica econômica ou um interesse de mercado nas suas atividades culturais necessariamente não irá distorcer sua criação, ou submeter sua criação aos caprichos de mercado, muito menos esperar uma produção cultural em série como nas demais indústrias que formam o Produto Interno Brasileiro. E sim aplicar uma visão de produto cultural despertando o desejo de consumo na sociedade e tornando mais equitativo o valor simbólico do valor econômico, na hora do consumo, respeitando as especificidades de que são dotados os bens culturais em sua cadeia produtiva, e os gargalos enfrentados em cada etapa da criação, distribuição e consumo. Uma atividade cultural só atinge sua dimensão econômica quando exerce de maneira completa o fluxo da cadeia produtiva, iniciando pela produção, passando por distribuição e por fim o consumo. Ainda que tal atividade enfrente gargalos em alguns desses processos.

A compreensão do poder público de que determinadas atividades culturais despertarão mais interesses de consumo do que outras têm sua importância na democratização e preservação cultural, para que as políticas públicas culturais possam agir com eficiência como reguladora e incentivadora das atividades culturais ainda não auto-sustentáveis, e naquelas que enfrentam fortes gargalos em sua cadeia produtiva. A

lógica de mercado cultural passa a mediar a ligação entre o público-consumidor e os criadores culturais. A cultura deixa de ser apenas uma maneira de mecenato ou só uma função de Estado. O olhar econômico no setor cultural lança uma nova lente na relação ao emprego cultural, ampliando o número de trabalhadores, o grau de especialização e profissionalização do setor, no que diz respeito à gestão e à visão empreendedora. Aplicar um olhar econômico ao celeiro cultural que é Pernambuco o tornará um forte gerador de emprego e renda proveniente das atividades culturais. Para isso o fenômeno de Empregabilidade deve ser observado com cautela, respeitando as dinâmicas do setor.

4.1 O Financiamento da Cultura em Pernambuco

A intervenção do Estado no setor cultural deve ser atuante em busca de que o fornecimento da cultura se dê de maneira o mais igualitária possível, difícil de ser alcançada através do mercado. Segundo Calabre (2007) consideramos como política pública cultural um conjunto ordenado e coerente de preceitos e objetivos que orientam linhas de ações públicas mais imediatas no campo da cultura.

A cultura apresenta-se em duas situações distintas no que diz respeito à necessidade de investimento e gerenciamento mercadológico. De um lado a cultura é auto-gerida pela lógica econômica, ou seja, sustentável em sua própria negociação na relação de consumo oferta e demanda, e na captação de recursos através de patrocinadores particulares interessados no Marketing Cultural. Como acontece com os grandes shows, na indústria do entretenimento.

Por outro é necessário a ação do Estado seja como regulador ou fomentador de atividades culturais aparentemente sem interesse mercadológico, mas que apresentam um valor simbólico e de identidade, importante para os que a produzem e consomem. A exemplo os grupos de Cavalo Marinho da região da Zona da Mata e Agreste de Pernambuco. Desenvolver mecanismos que possibilitem a transformação das riquezas simbólicas, oriundas de tais atividades culturais, em riquezas materiais é um desafio constante ao Estado e agentes culturais. Porém, torná-las produtos de interesse econômicos sem perder suas características essenciais de produção e identidade, terá como resultado um desenvolvimento econômico-social para região, ajudando na auto-estima dos produtores locais e, por conseguinte na permanência destas atividades.

No fomento à diversidade e identidade cultural do Estado, esta pesquisa analisa os dois dos principais instrumentos de financiamento público à cultura na região. Primeiro o Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (FUNCULTURA) mecanismo

do Governo do Estado, e o Sistema de Incentivo à Cultura (SIC) pela Prefeitura Municipal do Recife. Ambos ofertados a sociedade através de Edital.

O Fundo Pernambucano de Incentivo a Cultura (FUNCULTURA) foi instituído pela Lei Estadual nº12.310/2002 e através da Lei nº12.692 de 12 julho de 2004, regulamentado, pelo Decreto nº 27.101, de 09.09.2004, o FUNCULTURA passou a ser gerido pela FUNDARPE. É importante assinalar a lei nº 11.914, de 28/12/2000, e o Decreto nº 23.050, de 21/02/2001, através dos quais foi ampliada a base de empresas incentivadoras, estabelecidos critérios mais rígidos para seleção e aprovação de projetos submetidos aos Editais, e uma forma de transferência de recursos do mecenato para o fundo, de modo a facilitar e controlar os processos de captação, favorecendo os incentivadores menores e reservando recursos para projetos culturalmente importantes, porém sem poder mercadológico.

O SIC, da Prefeitura Municipal do Recife, foi instituído no ano de 1996 através da Lei nº 16.215/96. E após alterações a lei atual prevê como limite de renúncia fiscal o valor correspondente a 1,0% da receita do ISS do ano anterior. E realiza anualmente uma seleção de projetos culturais através de Edital Público, utilizando a modalidade de mecenato, com o uso do mecanismo de renúncia fiscal do ISS do município. Soma-se ainda os investimentos do Governo Federal no âmbito do Programa Mais Cultura, através do Ministério da Cultura em parceria com o Governo do Estado por intermédio da FUNDARPE foram selecionados projetos para implementação de 120 Pontos de Cultura por meio do edital lançado em 30 de junho de 2008.

5 Materiais e Métodos

Este artigo pesquisa pretende descrever o que se entende por empregabilidade no setor cultural de Recife. Para tanto, foram realizadas entrevistas com gestores, artistas e outros envolvidos no setor. As entrevistas foram gravadas em áudio e imagem. Os dados para este artigo foram primários e secundários. Os primários referem-se às entrevistas semiestruturadas realizadas com profissionais do setor cultural. Para realização desta pesquisa, solicitou-se o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos entrevistados. Os secundários consistem em informações sobre os dois dos principais instrumentos de financiamento público à cultura, o primeiro estadual e o segundo municipal.

6 Resultado e Discussão

O setor cultural tem apresentado um crescimento de investimentos públicos e privados, bem como de produção e manifestações. E, portanto, tem expressiva capacidade na geração de emprego e renda. Além da importância no desenvolvimento socioeconômico.

Para analisar mais de perto este crescimento em Pernambuco, foram observados os dois dos principais instrumentos de financiamento público à cultura na região. Primeiro o Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (FUNCULTURA) mecanismo do Governo do Estado, e o Sistema de Incentivo à Cultura (SIC) pela Prefeitura Municipal do Recife.

O FUNCULTURA, mecanismo de financiamento estadual que no ano de 2004 dispôs do total de aproximadamente 3 milhões de reais para projetos aprovados e cresce para 30 milhões no ano de 2010. Sendo uma ação refletida ou um reflexo ocasionado pela demanda da sociedade civil e artística, o que pode ser observado pelo crescimento de projetos inscritos e aprovados no mesmo edital. Em uma percepção empírica percebe-se que há uma relação direta entre o valor investido e a quantidade de projetos inscritos e podemos afirmar do mesmo que por consequência uma maior geração de emprego e renda.

Bem como, com as mudanças das políticas públicas culturais influencia na empregabilidade do setor. Pois exige uma nova adaptação dos requerentes ao financiamento, exigências estas expostas nos editais e nas formas de obter os recursos públicos e privados. O aumento de investimento também faz parte do cenário econômico no âmbito da Prefeitura Municipal do Recife, através do SIC.

Como observado, a atuação dos investimentos públicos em cultura tem uma forte demanda da sociedade. E esta nova demanda da sociedade para com a esfera pública exige dos trabalhadores culturais uma nova forma de organização, pois tais financiamentos estão dispostos através de editais. E para ter acesso existe um fluxo de processos a serem cumpridos, anteriormente não exigido.

O profissional além de dedicar ao estudo da atividade-fim de sua manifestação cultural passa agora a dedicar-se, também, a estas novas formas de financiamento via editais e seus pré-requisitos.

6.1 O Mercado de Trabalho no Setor Cultural

A cultura é um setor econômico do país também gerador de empregos e muito diferenciando internamente, com relações muito peculiares entre os agentes fazedores

de cultura, os grupos, as microempresas e as grandes corporações dentro da cadeia produtiva. Peculiaridade esta que carrega em si um dilema dicotômico quando se pensa na diferença de ganho dos grandes artistas e organizações, das dificuldades dos pequenos artistas (a exemplo artesãos e repentistas) e grupos independentes que buscam um fazer estético. A formação dos agentes culturais com uma visão econômica a respeito da cultura no Brasil é recente e se deu em duas fases: a primeira de forma totalmente empírica, quando os próprios artistas e/ou produtores gerenciavam pela necessidade de sustentabilidade de ambos; e só a partir da década de 90 que o Brasil parte para a qualificação acadêmica. Isto aconteceu com a criação de cursos de aperfeiçoamento e, posteriormente, de pós-graduação em gestão cultural e economia da cultura nas universidades federal da Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Considerando a extensão territorial e produtividade brasileira, a oferta de qualificação cultural é tímida.

O investimento no setor cultural, sobretudo na profissionalização dos agentes culturais, desencadeia significativos retornos financeiros e sociais, beneficiando o desenvolvimento econômico e a inclusão social.

Com a presença de dados básicos, porém não menos importante, observa-se que o setor cultural em Recife tem uma geração de emprego e renda capaz de influenciar no matriz econômica local. E percebe-se também a concentração do emprego cultural na região sul e sudeste, o que reflete nas atividades culturais e influenciam no seu dinamismo. Deixando claro o descompasso entre Pernambuco e os demais estados brasileiros em relação aos investimentos públicos e privados no setor cultural.

Empregos formais: área cultural e outras áreas

Brasil, grandes regiões, UF e RM	2000		2001		2002	
	Outras	Cultura	Outras	Cultura	Outras	Cultura
Brasil	25.427.770	796.308	26.398.642	790.972	27.942.954	740.959
Norte	1.050.193	44.172	1.118.457	43.323	1.255.411	41.186
Nordeste	4.291.755	83.095	4.463.445	91.574	477.175	87.645
Pernambuco	864.524	18.508	873.660	21.755	924.468	19.427
Recife (RM)	605.015	16.060	591.392	19.141	616.257	16.290
Sudeste	13.541.789	496.482	13.957.944	479.672	14.669.332	459.142
Sul	4.500.531	124.622	4.731.436	128.357	4.963.150	112.509
Centro-Oeste	2.043.502	47.937	2.127.360	48.046	2.283.309	40.477
Não identificado	-	-	-	-	-	-

Fonte: RAIS/Ministério do Trabalho

Elaboração: Disoc/Ipea.

Obs: Foi utilizada a Classe CNAE para identificar os trabalhadores ligados a atividades culturais.

Nas Unidades da Federação (UF) foram consideradas as populações de suas respectivas regiões metropolitanas

Porém a ausência de dados estatísticos mais detalhados impossibilita de fazer um cruzamento com as informações dos valores investidos em cada linguagem de ambos editais com a geração de emprego e renda das respectivas linguagens, levando também em consideração a informalidade do setor. À medida que o tema assume uma amplitude maior na esfera pública, privada e acadêmica, com discussões presente em artigos, seminários, pesquisas e pautas governamentais, poderá ser somados esforços em prol da construção de dados secundários capazes de nos fornecer informações claras acerca do dinamismo deste setor. Dinâmico tanto em sua movimentação econômica como nas formas de suas manifestações culturais. O campo cultural está em ascensão, e precisa ser acompanhado de forma mais sistemática como objeto de pesquisas e estudos. Um grande desafio para a área é o reconhecimento social da profissão.

Seria a informalidade um precarização do emprego cultural ou a falta de uma definição conceitual das áreas do emprego cultural? Será que o crescimento de investimentos e as mudanças políticas nas formas de financiamento vêm diminuindo esta informalidade?

6.2 As entrevistas

Em particular, esta pesquisa buscou conhecer o entendimento que alguns gestores tem sobre empregabilidade e mercado de trabalho no setor cultural.

Questionados sobre seu ingresso no setor cultural, de modo geral, os entrevistados afirmaram ingressarem após o contato da atividade cultural como uma

ação de gosto, ou seja, seu contato inicial com a cultura veio primeiro com o consumo e/ou prática cultural para então posteriormente se trabalhar no setor.

Por exemplo:

Eu sempre achei que muito interessante essa área, eu sempre me interessei por arte, desde pequeno eu fiz cursos de arte. Não era exatamente o que tinha imaginado como profissão pro futuro, mas é uma área que me atraía. Eu fiz administração também como formação e acabei caindo em empresas que tinham essa ligação com a área da cultura, talvez propositalmente porque querer estar mais próximo dessa área. E aí foi natural nesse caminho de chegar pra uma coordenação de uma unidade cultural aqui em Recife e depois das unidades que o Banco mantém que é aqui e em Porto Alegre (Carlos Trevi, Coordenador do Santander Cultural).

Envolvida com cultura desde 2002. Porque eu entrei no setor cultural sendo batuqueira do maracatu Nação Porto Tico, onde eu fiquei até 2007. Envolvendo-me tanto na produção geral como na construção de projetos pra apresentar ao FUNCULTURA, produção de palco, definição de mapa de palco. Então fui entrando devagarzinho dentro da vivência do maracatu, vendo a cadeia produtiva do maracatu. Interessei-me e foi quando, por interesse veio à questão científica. Aonde veio a pós em jornalismo cultural na UNICAP, foi a última turma em 2008. Em setembro de 2008 tentei fazer a pós em economia da cultura. Foi quando fiquei bolsista da FUNDARPE, apresentei um anteprojeto pra estudar a cadeia produtiva do maracatu e nessa época eu já estava fazendo a pós em jornalismo cultural e o mesmo maracatu foi objeto nos dois projetos, nas duas pós (Patrícia Reis, Técnica em Gestão de Equipamentos Culturais e Patrimônio).

Sobre o ingresso no mercado de trabalho no setor, observou-se, na opinião dos entrevistados que há o campo privado e público para se atuar. E o ingresso do trabalho público consiste através de edital que possuem alguns pré-requisitos, onde a experiência com cultura é exigida.

O ingresso tem n maneiras. Bom você tem essa coisa publica mesmo de concurso e que vão ser dirigidos por essas diversas secretarias e daí distribuir esses funcionários públicos pros equipamentos culturais e dentro da iniciativa privada. Toda empresa hoje tem alguma área que trate de cultura, quase todas as grandes empresas. Normalmente elas estão ligadas a Marketing, então dentro da área de marketing vai ter um setor ou um núcleo que trate de cultura. O ingresso é dado meio que por aí, através desse tipo. Você procurar uma empresa que tenha uma atuação cultural no mercado, enfim ver se existe vaga, opções de trabalho nessas empresas pra trabalhar. (Carlos Trevi, Coordenador do Santander Cultural).

Foi através de um edital de seleção simplificada, onde tinha os requisitos, como já falei pra trabalhar no setor: ter seis meses de experiência, ter currículo comprovado em produção...(Patrícia Reis, Técnica em Gestão de Equipamentos Culturais)

Os entrevistados consideram que a formação profissional do setor cultural passa por uma evolução, onde antes se aprendia no campo, fazendo, e, hoje, já existem formas de capacitação. Para Carlos Trevi, no setor há as profissões formais, como museólogo, por exemplo, e outras possibilidades de formação, em nível de especialização, em

marketing cultural, gestão cultural. Monica Lira, por sua vez, considera que esta evolução é constante:

Hoje a gente já tem cursos na universidade, tem teatro tem musica tem dança, tem artes tem cinema, tem tudo. Fora isso tem as especializações, tem pós, inclusive uma pós em produção cultural (Monica Lira, Produtora Cultural de Dança no Recife).

A formação do profissional cultural deve ser no campo. Eu acho mais interessante que ele vá primeiro pro campo sentir todo o processo da construção da cadeia produtiva de sentir como é mesmo fazer o bem cultural acontecer, sabe. E nesse meio tempo estar estudando, estar estudando as pessoas, tá estudando a vida, tá estudando algum livro da economia, algum livro de administração, viajar, recebe outras dimensões de fazer cultura, tá sempre em intercambio, de mentes, mergulhos. Então um profissional da cultura tem de ter essa dinâmica de ser um garimpeiro (Patrícia Reis, Técnica em Gestão de Equipamentos Culturais e Patrimônio).

Acerca do perfil de quem trabalha no setor cultural, os entrevistados afirmam que é um perfil de conhecimento diversificado, em que se aglutine diversos outros conhecimentos para desenvolver sua atividade.

São pessoas de várias profissões que acabam ingressando pra essa área cultural por uma afinidade e depois de ingressar podem vim se especializando. Fazendo um curso de gestão cultural, MBA de alguma coisa e tal, meio isso. Obvio que você vai ter profissões que serão mais próximas. É difícil você ver um medico coordenando uma instituição cultural. Claro. O cara tem uma formação na área de saúde, enfim, outro tipo de profissão. Ou um físico nuclear, não é bem isso. Agora você tem profissões que são bem próximas: historia, geografia, arquitetura que está bastante próxima dessa questão do estético obviamente, o próprio artista plástico, enfim. O administrador que pode estar administrando o espaço. Então são profissões mais ligadas a humanas que estão mais ligadas, mais próximas de uma gestão cultural (Carlos Trevi, Coordenador do Santander Cultural).

O gestor público de cultura tem que lidar com planejamento físico, com recursos humanos, recursos de pensamento, onde entra a psicologia. A dinâmica é outra, pra ser um profissional de cultura tem que ser um camaleão. (Patrícia Reis, Técnica em Gestão de Equipamentos Culturais e Patrimônio).

Por fim os entrevistados foram questionados sobre os desafios em relação ao mercado de trabalho no setor cultural. E se mostram otimista, pois acreditam no crescimento deste mercado. Porém com algumas dificuldades a serem superadas, como é o caso da informalidade e valorização salarial.

Eu acho que é um mercado crescente. Que as empresas estão cada vez mais investindo nessas áreas, a privada acontecendo tantos equipamentos sendo construídos. Eu acho que é bem promissor. Talvez precise começar pensar na especialização dessas diversas áreas.

(Carlos Trevi, Coordenador do Santander Cultural).

No mercado de trabalho do setor cultural temos como desafio, a informalidade. Eu tenho isso na prática, meu grupo, ele é um grupo que tem estatuto, tem CNPJ, a gente paga imposto de uma empresa, então mesmo assim eu me sinto extremamente trabalhando na informalidade, porque o ideal não chegou (Monica Lira, Produtora Cultural de Dança no Recife).

Para a técnica em gestão e equipamentos culturais, a valorização salarial apresenta-se como um desafio para o setor em relação ao mercado de trabalho:

Porque assim, são muitas atribuições, é muita responsabilidade, mas ainda não tá equiparando essas atribuições na recompensa do salário, ainda não tem uma política de salário pro setor cultural, questão de reconhecimento, de carteira assinada, ninguém assina carteira de produtor cultural, ele é um autônomo. Então não há uma formalização coerente ainda pro setor. Então o grande desafio também é essa formalização profissional e o reconhecimento mesmo do salário (Patrícia Reis, Téc. Gestão de Equipamentos Culturais).

7 Conclusões

Na compreensão da cultura de forma holística, desde como resultante da expressão humana à sua capacidade de desenvolvimento estratégico e geradora de emprego e renda, parece faltar nos administradores e economistas brasileiros, principalmente pernambucanos, a percepção criativa e científica sobre a economia da cultura e gestão cultural. Em outro viés, os profissionais da classe artística carecem, em sua maioria, de conhecimento técnico-administrativo. Contudo tem-se a necessidade de ambos os conhecimentos específicos da linguagem artística e administrativos serem elencados na formação e profissionalização do setor cultural. Esta é uma demanda de formação a ser suprida, para haver um bom gerenciamento da cultura, sendo preciso aliar matérias convergentes, como a Economia, a Administração, o Turismo, a Sociologia, as Artes e História.

O fenômeno da globalização facilitou a difusão cultural e proporcionou a interface entre nações originando novas perspectivas de consumo e produção cultural. Dentre este novo panorama destaca-se a empregabilidade no setor cultural, e as formas e fronteiras de aplicação de investimentos estão cada vez mais diversificadas na atualidade. O crescimento do setor cultural tende a atrair esses investimentos e transformá-los em consideráveis retornos financeiros e sociais. O diferencial em investir na cultura é amplificar as formas de considerar o lucro.

Com o crescimento econômico de Pernambuco e, por conseguinte o aumento do poder aquisitivo traz consigo como resultante uma crescente demanda por bens e serviços culturais. Exigindo uma profissionalização do setor e uma gestão de sustentabilidade. Bem como uma valorização dos pequenos e médios equipamentos culturais e sua descentralização, estimulando a acessibilidade e inclusão cultural.

Com expectativas positivas de um mercado crescente, porém com dificuldades ainda presentes que acompanham este setor. Dificuldades como a ausência de

informações setoriais sistemáticas, a informalidade, a valorização salarial e a formalização da profissão em algumas áreas do setor cultural. Em síntese um setor que vem apresentando desenvolvimento econômico e de mão-de-obra. A empregabilidade é uma característica presente na profissão em boa parte dos trabalhadores culturais, pois é uma características que faz parte de seu perfil profissional.

Atuar nestas dificuldades em busca de superá-las é um passo crucial para obter o máximo possível do potencial do setor cultural, tanto como seu potencial socioeconômico como gerador de emprego e renda, estimulando a empregabilidade do setor, seja através de editais e/ou programas de formação.

8 Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2004.
- BARROS, A. R. O setor informal e o desemprego na região metropolitana do Recife. **REN – Revista Econômica no Nordeste**, Fortaleza, v.28, n.esp., p.337-361, jul. 1997.
- CALABRE, Lia. Política Cultural no Brasil: um histórico. I Encontro nacional de estudos da cultura – ENECULT. **Anais...** Salvador, 2007.
- CARLEIAL, Liana; VALLE, Rogério (orgs.). **Reestruturação Produtiva e Mercado de Trabalho no Brasil**. São Paulo: HUCITEC-ABET, 1997.
- CARRIERI, A.; SARSUR, A.M. Percurso Semântico do Tema Empregabilidade: um estudo de caso em uma empresa de telefonia. Encontro Nacional de Pós-Graduação em Administração – EnANPAD, 26, 2002, Salvador-BA, **Anais...** RJ: ANPAD, 2002.
- CIVELLI, F. Personal Competencies, Organizational Competencies, and Employability. **Industrial and Commercial Training**. Guilbsborough, v.30, n.02, p.48-52, 1998.
- FREITAS, M. E. Contexto social e imaginário organizacional moderno. **Revista de Administração de Empresas**, n. 2, p. 6-15, 2000.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 14^a ed. RJ, José Olympio, 1969.
- FURTADO, Celso. Prefácio. **Economia da cultura: reflexões sobre as indústrias culturais no Brasil**. Brasília: Ministério da Cultura, 1988. P.5-6.
- LAVINAS, Lena. Empregabilidade no Brasil: inflexões de gênero e diferenciais femininos. **TD – Texto para Discussão**, n.826. IPEA, set. 2001, p.01-24.
- PAIVA, Vanilda. Qualificação, Crise do Trabalho Assalariado e Exclusão Social. In: P. GENTILI e G. FRIGOTTO (orgs.). **A Cidadania Negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. 1.ed. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p.49-64.
- PIORE, M.; SABEL, C. **The second industrial divide**. New York: Basic Books, 1984.
- REIS, A.CF. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável**. SP: Malone, 2006.
- RODRIGUES, José. Da Teoria do Capital Humano à Empregabilidade: um ensaio sobre as crises do capital e a educação brasileira. **Trabalho & Educação – Revista do NETE**. Belo Horizonte, n.02, p.215-230, ago./dez. 1997.
- SALGADO, G. B. **O imaginário em movimento e expansão da indústria editorial no Brasil (1960 – 1994)**. 1995. Dissertação (Mestrado) - IUPERJ. Rio de Janeiro.
- SANTANA, S. de C. P.; SOUZA, N. R. M. Além da diversão e arte o pão: o mercado de trabalho da cultura na região Metropolitana de Belo Horizonte. **Cadernos do CEHC**. Série Cultura. n.1. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2001.
- VALIATI, L.; FLORISSI, S. (orgs.). **Economia da Cultura: bem-estar econômico e evolução cultural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, pp.29-62.